

Um agenciamento conceitual para honrar e estimular a biodiversidade subjetiva: um modo político de ensinar e experimentar a Anatomia Emocional de Stanley Keleman.

Regina Favre, Laboratório do Processo Formativo, São Paulo



Conceitos e práticas são parte da história cultural. Acredito que os saberes corporais e práticas, tais como nós os concebemos hoje estão enraizados na Europa, em meados do século XIX, como um subproduto da sociedade industrial.

A mudança da produção artesanal para a produção industrial remodelou completamente as tradições culturais e artísticas, as concepções sobre forma e linguagem, valores, aparência das cidades, ruas, casas, seus interiores, exigindo das pessoas um novo uso de seus corpos para produzir e incorporar todas estas realidades.

A pressão vinda do aumento de excitação, de problemas e benefícios produzidos pela sociedade industrial imediatamente sacudiram os usos do corpo tais como eram previamente conhecidos. Ao mesmo tempo, entre outras transformações filosóficas e científicas, Darwin com sua teoria evolutiva, que promoveu a maior revolução na auto-imagem do homem desde o início da história, retirou o criador de uma vez por todas da cena e apresentou os homens à sua animalidade e capacidade adaptativa, permitindo a cada pessoa ver em seus corpos a continuidade dos corpos de seus parentes animais.

É muito importante considerar a presença de Darwin nas elaborações de Freud.

Com Darwin o corpo pela primeira vez se tornou real e acessível como comportamento – o broto de uma nova concepção de corpo como parte de realidades físicas, sociais e afetivas: como forma evolutiva e funcional, comportamento solidificado enquanto espécie, moldando-se de maneira individual

e histórico-social, corpo como presença, conceitos que florescem plenamente sob a pressão dos tempos globais.

É aí que pretendo chegar: a uma cartografia clara, situada historicamente, apoiada na ciência, ampliada politicamente, metodologicamente operativa, a partir da visão formativa de Stanley Keleman.

Com todas essas transformações – poderes, sentidos, tecnologias, velocidade e novos modos de produção e distribuição de dinheiro, novas noções e práticas dizendo respeito a auto-regulação e autonomia dos corpos estavam prontas para aparecer e mesmo urgiam ser formuladas como um antídoto dos primeiros sinais de estresse na vida moderna.

Como o capitalismo industrial e o conhecimento moderno do corpo cresceram juntos



O capital e seu poder, inicialmente, tinham a configuração visível de fortunas familiares turbinadas pelas novas indústrias. Mas isso era só o começo.

À medida que o século 20 avançou, nós vimos o potencial do poder capitalista se tornando mais e mais impessoal e invisível, mais e mais acelerado, produzindo movimentos incontroláveis do mercado e da economia, gerando uma mudança contínua e rápida nas paisagens sociais, nos corpos e nos territórios existenciais.

A mesma velocidade pode ser vista na multiplicação de técnicas corporais que na verdade não são apenas técnicas, mas métodos que refletem as diferentes perspectivas do corpo necessitando se regular a si mesmo.

Rompendo os limites dos ambientes acadêmicos e médicos, lugares tradicionais do saber, pesquisas e experimentos conduzidos por indivíduos ou pequenos grupos independentes na Europa foram fundamentais para o desenvolvimento das teorias corporais e práticas que moldaram essa nova cultura dos anos 20 até o final da 2ª Guerra.

Escapando à perseguição racial e política e atraídos pela promessa da democracia na América, esses novos humanistas europeus, criadores e praticantes dessas novas concepções corporais entraram num ambiente onde esta nova cultura iria encontrar total acolhimento na tradição filosófica do pragmatismo americano primeiro. Seus valores de corpo e vida natural,

celebrados pela literatura americana e poesia no valor da iluminação, da disciplina, da experiência religiosa americana e principalmente na imensa prosperidade americana e otimismo do pós-guerra. A partir deste bom encontro, como Spinoza diria, floresceu nos Estados Unidos, em meados dos anos 50, a cultura à qual nós nos consideramos pertencer. E não podemos esquecer que quando chegamos aos anos 50, a cultura do pós-guerra americana dominante tinha um funcionamento específico que tendia a se expandir por todo o Ocidente.

O Fordismo e a modelagem serial dos corpos



Philip Cushman (“Constructing the self, constructing America”, 1995) explica esta função de superexpansão. “Uma das tarefas dos anos 50 era converter a sua poderosa máquina de guerra internacional numa economia de paz, viável internacionalmente. Isso não era uma tarefa fácil num momento em que o país vinha de recessões com o espectro da Grande Depressão nunca longe da memória das pessoas. Mas nas décadas que se seguiram imediatamente à 2ª Guerra Mundial, a economia dos Estados Unidos aprendeu uma das lições mais importantes da guerra: para estar fora da depressão, o capitalismo do século 20 tinha que basear sua economia numa contínua produção do consumo de bens e serviços. Portanto, os grandes negócios tinham que desenvolver modos de vender bens que não fossem essenciais nem bem-feitos. Em outras palavras, o país estava agora dependente de produzir e vender produtos não essenciais e rapidamente obsoletos. Serviços e experiências que os consumidores nunca podiam economizar o suficiente para comprar. Portanto, os bancos tinham que desenvolver novas formas de crédito fácil. Consumir em vez de poupar, permitir-se em vez de sacrificar-se, tornou-se o estilo predominante. Pessoas passaram a tomar conhecimento de novos produtos no pós-guerra através dos anúncios de rádio, revistas, jornais e televisão e, muito rapidamente, através dessas mídias passaram a aprender como manejar suas vidas e finanças. Para se manter científico, moderno e saudável, era absolutamente necessário consumir continuamente novos produtos domésticos. Assim uma nova configuração do self tinha que ser construída.”

Como esta força modeladora é percebida no Brasil



Nicolau Scevenco (“Historia da Vida Privada no Brasil – vol. 3”), 1998, observou como esta nova configuração afetou a percepção brasileira. “Com a 1ª. Guerra Mundial, a indústria de cinema europeia colapsou e os Estados Unidos herdaram tudo construindo um monopólio virtual de produção, distribuição e exibição mundial. Com o surgimento do cinema falado e

os aumentos incríveis dos custos de produção, os pequenos estúdios foram à bancarrota e apenas as grandes corporações de Hollywood sobreviveram. Os sistemas de estúdio foram desenvolvidos racionalizando, otimizando e reduzindo consideravelmente os custos e a contrapartida promocional foi criado o mito das estrelas. Os filmes de Hollywood criaram e espalharam como um dogma o padrão de beleza das estrelas de cinema que se tornaram as alavancas principais e promocionais de novos hábitos de consumo e estilos de vida identificados com o *american way of life*. Vinícius de Moraes, poeta brasileiro e diplomata, tem um poema desta década chamado “História Apaixonada, Hollywood, Califórnia” no qual ele se coloca numa posição onde toda a sua vida é reinterpretada como uma sucessão de clichês hollywoodianos. O modo de sentar, dirigir o carro, encarar uma garota, namorar ao pôr-do-sol, segurar um copo, flertar, flertar e ser esnobado, comer fast food, chamar o garçom, as roupas que ela usa, jogar boliche, o meio sorriso sarcástico, a súbita mudança de humor, o modo de acender um cigarro com uma única flipada do isqueiro. Tudo isso vinha da tela do cinema. O poeta sente que a sua vida não vem da sua interação com as pessoas em volta dele, mas em vez disso, de um time de técnicos desconhecidos do outro lado do continente.

Isso não é um exagero. O cinema é uma arte complexa, uma soma de técnicas revolucionárias de comunicação visual, tais como close-ups, efeitos emocionais dos recursos de edição – como ritmo, som, música, expressão facial e corporal, o glamour da juventude, as coreografias atléticas, as maquiagens, os penteados, o guarda-roupa, os cenários e mais do que isso o poder esmagador do sex-appeal. Tudo isso ampliado numa tela colossal irradiando o seu brilho prateado e hipnótico na escuridão do cinema. O que Hollywood levou às últimas conseqüências foi a descoberta, em grande parte tomada dos surrealistas e expressionistas que escaparam da Europa nos anos 30 e encontraram trabalho na Califórnia, de que os filmes são uma arte para os olhos e o corpo inconsciente e não para o intelecto e o discurso verbal.”

Quando os filhos do Papai Sabe Tudo cresceram...

Podemos ver, então, como a América do pós-guerra dos anos 50 ganhou a sua versão glamourosa internacional primeiro por esta automodelagem altamente cobiçada por todos.

Finalmente nos anos 60, a modelagem subjetiva da juventude aparece: o rebelde que não quer o estilo de vida dos seus pais para si, o modelo anterior que foi rigidamente modelado pelos valores e comportamentos da sociedade de consumo.

Da arte moderna, da dança moderna, do modo de representar do Actor's Studio, da literatura beat para a cultura do rock, para o movimento hippie para o movimento psicodélico, rebeliões estudantis de 68, para a contracultura, para o movimento feminista, para a cultura alternativa, foi um pulo.

Entre os jovens outro modo de conceber o corpo e novas práticas do self começaram a ser desenhadas.

Na onda destes movimentos, o crescimento rápido das práticas corporais trazidas pelos humanistas europeus para a América tiveram um grande papel na desconstrução dos usos do self profundamente desvalorizada por esta geração e a invenção de novos usos do corpo e seus modos de se relacionar, trabalhar, viver, ter sexo, conceber família e gênero, dinheiro, educação, raça, cultura, política e poder.

Como os novos paradigmas voltaram para a Europa



Impulsionada pela mesma fé na mudança, na aventura e no desafio de si mesmo até o fundo de si, esta nova cultura corporal então modelada nos Estados Unidos se reexportou para a Europa. Ali ela encontrou sementes deixadas por Reich que já estavam produzindo frutos a partir das várias tendências educacionais, terapêuticas, psicoterapêuticas que estavam abertas, famintas, para se misturar com o modelo americano. Esta nova cultura proliferou rapidamente na forma de novas culturas e novos centros de crescimento pessoal.

Nos anos 70, tanto na Europa como nos Estados Unidos, práticas e métodos fossem exercidas atividades de grupo como manipulações de corpo passaram por uma multiplicação espantosa.

As pessoas ansiavam por mudança, mudando seus corpos. Elas se juntavam a grupos, buscavam terapias, desejavam se tornar terapeutas.

Havia um ideal de criar um mundo à parte, dito alternativo, que poderia influenciar o sistema de fora para dentro.

Enquanto isso, abaixo do Equador...

Regina estava surfando a onda e, muitas vezes, quase se afogando



No Brasil, desde os anos 60, o movimento tropicalista, artístico, musical e político, expressavam a urgência para nós de espanar as tradições autoritárias, agrárias, positivista, católica, militar e incorporar o novo crescimento industrial, reformatar nossos corpos e absorver a nova realidade mundial. E com a atmosfera sufocante das ditaduras latino-americanas, brasileiros se tornaram politicamente ou existencialmente exilados. Entre os últimos eu me incluo.

No início dos anos 70, mergulhei na cultura do corpo que nessa época florescia principalmente na Inglaterra, em grande parte devida ao ambiente da Swinging London, solo fértil para o crescimento dos novos padrões de comportamento contemporâneo.

Em 75, já de volta a São Paulo, ajudei a dar início ao curso de psicoterapia corporal no Sedes Sapientiae, um instituto educacional de psicoterapias de mente aberta.

Nos anos 80 muitos grupos já poderiam ser vistos organizando educação profissional em psicoterapia corporal em torno de alguns líderes internacionais e no final dos anos 80, muitas pessoas já tinham se organizado, institucionalmente dependentes de escolas de terapia internacionais que se tinham tornado, infelizmente, empresas, dentro do estilo neo-capitalista, para a transmissão do conhecimento reichiano e neo-reichiano.

Teorias e vidas no Brasil: condições específicas



No começo essas idéias e práticas fizeram sentido no Brasil de um modo muito peculiar, diferente daquilo que aconteceu na Europa e nos Estados Unidos. Num primeiro momento, elas se juntaram às forças que culturalmente combatiam os efeitos destrutivos da ditadura nas vidas das pessoas.

É bem conhecido como a psicanálise, um certo tipo de psicanálise militante, que era altamente desenvolvida tanto no Brasil como na Argentina, desempenhou um papel importante como aliada nesta cultura de resistência política.

Então, era completamente natural que certos divãs generosos no Brasil abraçassem a causa e gestassem o então chamado movimento reichiano recém-nascido. Assim, fica também evidente que, dada a esta afinidade, o reichismo que mais teve afinidade conosco foi o da Análise do Caráter que foi considerado na sua época, anos 30, um avanço político e metodológico, em relação às idéias de Freud.

Portanto, o primeiro grande esforço assimilativo no campo psicoterapêutico brasileiro corporal dos anos 70 foi a construção de uma base psicanalítica para sua prática e encontrar um lugar para noções tais como id, ego, superego, inconsciente e transferência.

Entretanto o corpo em toda a sua força e maravilha permanecia intocado teoricamente, para a minha insatisfação.

Entendi naquele momento da minha trajetória que havia uma resposta metodológica e teórica para o capitalismo industrial, e seus efeitos nas subjetividades corporificadas, e uma outra, bem diferente, para o capitalismo mundial integrado, termo cunhado pelo filósofo e militante Guattari, com o qual me encontrei no final dos anos 70.

Baixou sobre mim uma clareza de que a Análise do Caráter e a Função do Orgasmo, venerada pelo ambiente reichiano brasileiro ia de encontro às necessidades das formações subjetivas produzidas no capitalismo durante seu estado de industrialização e que a repressão da energia sexual e seu subsequente

reinvestimento nas atividades do trabalho era um assunto da sociedade industrial de modelo patriarcal e seu modelo baseado nesta maneira de produção.

Neste sentido, a convulsão orgástica reichiana, base do seu paradigma de saúde se identificaria com revolução, num modelo baseado num conceito de classes sociais. E então me dei conta que esse tempo tinha acabado. A modernidade estava dando lugar para a pós-modernidade, o fordismo para o pós-fordismo.

Como Toni Negri discrimina pós-moderno de moderno

No seu artigo *“Em direção a uma definição ontológica de multidão”* de 2002, o qual edito aqui, Toni Negri diferencia os dois conceitos, pós-moderno e moderno.

Pessoa é uma idéia moderna e **multidão** uma idéia pós-moderna

Multidão é um todo de “singularidades”.

O **pensamento da modernidade** opera de dois lados: por um lado ele abstrai a multiplicidade de singularidades e unifica no conceito de povo, por outro lado, dissolve o todo das singularidades que forma o todo da multidão numa massa de indivíduos.

A **multidão** é sempre produtiva e sempre em movimento, se constitui e constitui a sociedade produtiva, cooperação social geral para a produção.

O **conceito de multidão** deve ser encarado diferentemente do **conceito de classe operária**.

O **conceito de classe operária** limita a visão de produção uma vez que essencialmente só inclui trabalhadores industriais.

No **conceito de multidão**, a noção de exploração será definida como **exploração** (e boicote) **da cooperação entre singularidades**, não entre indivíduos, exploração de redes que compõem o todo.

A **multidão é um conceito de potência** que produz por cooperação

Esse poder não apenas deseja expandir, mas acima de tudo deseja tomar corpo (isto significa moldar a si mesmo sempre em novos modos de funcionar em conexões presentes – Regina Favre, 2007)

A liberdade e a alegria bem como a crise e a fadiga na sua mudança compreendem dentro de si tanto continuidade quanto descontinuidade, sístoles e diástoles, pulsos de descomposição e recomposição de singularidades.

A **multidão é um agente social ativo**, uma multiplicidade que age, não uma unidade como o povo, que nós vemos como algo organizado. É de fato um agente ativo de auto-organização.

Trabalho cooperativo vivo - uma revolução real, ontológica, produtiva e política - pôs de cabeça para baixo todos os parâmetros de “bom governo” e destruiu a idéia moderna de uma comunidade que serviria para a acumulação capitalística (“mas agora apenas interconexões processuais para ações criativas em direção a realidades que ainda não existem”, Regina Favre, 2007).

Os **dispositivos para produção da subjetividade** que encontram na multidão uma figura comum apresentam-se como uma práxis coletiva, **sempre atividade renovada e constitutiva de ser, contra o conceito de povo**.

As **origens do discurso da multidão** são encontradas na interpretação subversiva do pensamento de Spinoza. Nunca seria suficiente insistir na

importância da pressuposição spinozista quando ele lida com este tema. Antes de tudo o tema inteiramente spinozista é o tema do corpo, particularmente do poder do corpo. “Nunca poderemos saber aquilo de que um corpo é capaz”. Então **multidão é o nome da multidão de corpos**. Lidamos com esta definição quando insistimos que multidão é potência. Entretanto, **o corpo vem antes** na genealogia e na tendência tanto das fases como no resultado do processo de constituição de multidão.

Nós devemos reconsiderar esta discussão do ponto de vista do corpo, da constituição do corpo.

Uma vez que definimos os **nomes da multidão contra o conceito de povo** tendo em mente que a multidão é um todo de singularidades, nós podemos traduzir este nome (multidão) na perspectiva do corpo e **clarear o agenciamento da multidão de corpos**. Quando consideramos corpos, não apenas percebemos que estamos cara a cara com a multidão de corpos, mas percebemos que **cada corpo é uma multidão**, interceptando a multidão, cruzando a multidão com a multidão, corpos se tornam misturados, híbridos, transformados, mestiços.

Eles são como ondas do mar, em perene movimento e transformação recíproca. A metafísica da individualidade ou da pessoa constitui uma mistificação péssima da multidão de corpos. Não há possibilidade de um corpo estar sozinho. Isso não pode nem ser imaginado. Quando um homem é definido como um indivíduo, quando ele é considerado como uma fonte autônoma de direito e propriedade ele se torna sozinho. Mas o si não existe fora de uma relação com o outro.

A metafísica da individualidade quando confrontada com o corpo nega a multidão que constitui o corpo para negar a multidão de corpos.

Do ponto de vista do corpo existe apenas relação e processo.

O corpo é trabalho vivo, portanto, expressão e cooperação, portanto construção material de mundo e história.

Nós falamos de multidão como o nome do poder (potência) e a genealogia e tendência, crise e transformação, portanto esta discussão no final leva à **metamorfose dos corpos**.

A multidão é a multidão dos corpos. Ela expressa poder não apenas como um todo, mas também como singularidade.

Cada período da história do desenvolvimento humano (do trabalho, do poder, das necessidades e da vontade de mudar) inclui metamorfoses singulares de corpos. Isto é uma visão Darwinista no melhor sentido da palavra: como produto de uma visão heracliteana, portanto as causas da metamorfose que investem a multidão como um todo e singularidade como multidão não são nada mais do que lutas e movimentos e desejos de transformação.

Novas teorias e práticas do corpo são necessárias depois da virada pós-moderna



O capitalismo industrial, depois de 68, finalmente quebrou as suas fronteiras nacionais e começou a operar com o modelo do capitalismo multinacional. A narrativa familiar, como pano de fundo das nossas vidas, se tornou apenas uma pequena parte da narrativa histórico-mundial e, nesse sentido, a história cultural e social ganhou grande importância na **hermenêutica da subjetividade**. E com esta nova conjunção de interesses de mercado e de grandes corporações, agora fundidas internacionalmente, **a falta passa a ser central**.

A **estratégia capitalística do poder não era mais repressiva**, mas ao contrário, começava a agir com outra estratégia: **a captura do desejo e a estimulação da perpétua falta de algo que iria nos preencher** e nos completar como alguém. Nesta nova forma de capitalismo passamos a desejar ser quem não somos e não ter o que não temos, como era antes no capitalismo industrial. Neste sentido, **as imagens e a mídia desempenham o papel principal**.

Assim, no início dos anos 80, com a ajuda da filosofia da imanência, desenvolvida por Deleuze e Guattari, e mais tarde aprofundada por Toni Negri, como vimos acima, que era muito ativa politicamente e teoricamente no Brasil daquele tempo, comecei a ver pela primeira a dinâmica da produção da subjetividade.

Na velocidade do capitalismo contemporâneo, com a ajuda destas visões, pude imaginar como esses corpos e seus mundos se formavam e reformavam a eles mesmos continuamente seguindo regras coletivas muito precisas.

Estes filósofos se referiam a isso como **produção social de modos de subjetivação**, que de fato eram desenvolvidas pelo mercado em modos selecionados de tomar forma pelo interjogo de poderes, valores e interesses comerciais.

Mas eu continuei sentindo, mais do que nunca, com grande frustração, a necessidade de um conceito de corpo como um processo biológico e de uma prática que fosse conectada com o processo de produção de corpo como parte do processo de viver nossas vidas no mundo.

Uma nova cena no Brasil: menos Estado, mais responsabilidade civil



Com as primeiras eleições presidenciais em 85, depois dos longos 25 anos de ditadura, se tornou necessário contribuir no nosso campo profissional com a noção de cidadania que nos ajudaria a nos colocar no olho do furacão dos novos eventos.

Tornou-se necessário tomar posição e agir sobre os nossos ambientes físicos e humanos, mundialmente e localmente, particularmente em nosso país onde estes assuntos se apresentavam como uma paisagem tão penosa de desigualdades e injustiças sociais. Ao mesmo tempo, o **tema ecologia** começou a se impor na sociedade global. Guattari escreveu *As Três Ecologias* em 1980 e *Caosmose* em 1992, onde essa responsabilidade imanente e este poder se tornam evidentes.

De 85 a 92, uma nova posição se coloca para mim. Após ler o recentemente publicado ***Anatomia Emocional***, em 85, eu descobri **Stanley Keleman** e seu conceito de **processo formativo**. Sua leitura funcionou para mim como um satori. Com ele, pude finalmente ter um conceito visual do corpo como um processo que se estendia dos inícios da biosfera deste planeta, como produtor e produzido por processos físicos e sociais, canalizando e secretando a si mesmo como uma força protoplasmática líquida continuamente através de forças evolutivas genéticas em cada vida em particular, gerando e sustentando ambientes físicos e sociais como resposta a sua necessidade inata conectiva e formativa.

Pude ver aí a total consonância com o conceito de imanência de Spinoza, central para Deleuze e Guattari e, mais tarde, para Toni Negri para seus agenciamentos filosóficos.

Embora esta visão contribuísse muito para a compreensão das concepções do novo pós-individual, pós-moderno, **a filosofia pós-moderna continuava a usar ferramentas da filosofia continental quase inteiramente ignorando a herança darwinista**, que ao longo do século 20 deu à luz à biologia molecular, às neurociências contemporâneas e uma nova noção da anatomia evolutiva, a partir do que, o terrível problema corpo e mente na filosofia ocidental pôde finalmente

ser resolvido, também dando **evidência científica** para a impossibilidade do fechamento subjetivo na individualidade.

Todo o meu movimento em direção a Keleman, um verdadeiro pensador darwinista contemplativo ocidental, veio da insatisfação com a visão moderna reichiana acima descrita do corpo, e principalmente veio do meu profundo desapontamento com a praticabilidade das idéias de Deleuze tais como o **corpo sem órgãos** e o conceito de **inação** de Varela que o levou a se perder em concepções do budismo tibetano. Aliás, uma mancada imperdoável para um cientista da sua inovatividade.

Deleuze e Guattari dizem, em "*O que é Filosofia*", de 1992, que os ingleses são exatamente nômades, que eles caminham no plano de imanência como num chão mótil e móvel, um campo de experiência radical, um mundo em arquipélago onde eles se sentem felizes de acampar de ilha em ilha no oceano... sim, Darwin!

Foi muito feliz a minha escolha de Keleman. Imediatamente e apaixonadamente, comecei a cuidar da tradução de seus livros, a escrever para ele e, finalmente, em 1992, comecei a freqüentar seus workshops em Berkeley.

Naquele exato momento, sonhei com a perda de uma criança na multidão e a concepção do feto de um corpo velho personificado por Kazuo Ono, que aparece deitado numa posição fetal dentro de uma banheira cheia de barro.

A ilusão infantil da individualidade estava indo embora dando lugar a um corpo recentemente concebido, feito de multiplicidades e devires.

Finalmente eu pude me identificar com um modelo de clinicar, pesquisar e ensinar, bem como com uma filosofia do corpo que me permitia pensar e agir eticamente como parte.

As visões formativas de Keleman e sua metodologia



De uma maneira muito similar aos filósofos de espírito imanente, tradição fundante também na filosofia americana, Keleman diz na sua linguagem científica contemplativa, que vivemos dentro de um oceano orgânico, uma manta viva

chamada biosfera e que como sistemas vivos, nós, organismos, fazemos a mesma coisa que a biosfera como um todo. Nós nos estendemos, nós nos encolhemos, nós formamos suborganizações. Este é o modo pelo qual nós cultivamos conexões com o mundo e formamos também conexões internas de subsistemas do *self*. Somos móteis e pulsáteis, mas a evolução nos dotou deste sistema cortical voluntário cujo esforço mobiliza o pulso do corpo para fazer crescer mais conexões sinápticas. A vida quer sempre mais. Assim, não apenas em situações reais que requerem de nós que aprendamos qualquer coisa, nós também podemos exercitar, uma prática de si, como exercício para a vida e para o trabalho.

Keleman diz que “se nós usamos este esforço voluntário, nós necessariamente criaremos uma cadeia comportamental, o que significa acumulação de uma massa crítica de axônios fazendo uma memória anatômica e isso é experienciado como aquilo que chamamos de subjetividade”.

Eu, em consonância com todas as considerações prévias, prefiro chamar de sentido de si em vez de subjetividade, mantendo a palavra subjetividade para significar produção social de sentidos e não um evento natural.

Com esta prática, ele ensina que aprendemos a diferenciar e maturar nossa corporificação herdada através do fortalecimento e da formação de conexões sinápticas. Isso intensifica e vivifica, ele diz, nossa experiência de estar em casa conosco mesmos. Uma idéia bastante heiddeggeriana.

“Ações voluntárias repetidas, como pedaços de comportamento anatômicos, produzem tipos excitatórios que são a fase inicial da formação de novas conexões neurais.” Isso é o que considero o poder natural que temos de incentivar a biodiversidade subjetiva. É neste sentido que eu considero a teoria de Keleman e a sua prática totalmente útil politicamente, embora ele discorde frontalmente.

Este poder é baseado na “habilidade de formar conexões internas somáticas fortalecendo um continuo feedback de contato intra-organísmico com diferentes intensidades e amplitudes.” Essa é a fonte primária para organizarmos a experiência como uma forma somática.

Ele afirma que o esforço voluntário cortical-muscular estimula o crescimento de axônios e estes axônios vão formar uma estrutura conectiva, as sinapses. “Elas conectam a parede do corpo com o córtex.” Isso é como cérebro e músculos trabalham juntos: fazendo diferenciações em formas particulares.

“Na medida em que nós seguramos uma forma, uma expressão, nós fazemos um *frame* (enquadramento, recorte, fotograma...) muscular distinto, um engrossamento ou afinamento da parede do corpo, com seu pulso excitatório único e conseqüentemente com sua expressão única, sua conexão única ao ambiente, sua única experiência”, que significa que nós morfamos (*morph*), como ele diz, como uma biodiversidade subjetiva, como eu digo.

Isso é a sua diferença de qualquer outro autor neste tipo de busca. Ele apresenta uma prática altamente factível: o método formativo. Assimilável por qualquer tipo de grupo, seu trabalho nos seus seminários e livros é teorizar e ajudar através de exercícios e trabalho clínico, leitores e participantes a “juntarem e darem

estabilidade aos pulsos de excitação e cultivar um mundo pessoal, um soma pessoal em crescimento, com seus próprios valores e sentidos que sustenta e matura uma vida adulta”.

O seu método formativo consiste num protocolo de cinco passos que imita o processo formativo na natureza:

1. Reconhecer um padrão somático e fazer um modelo muscular a partir dele.
2. Intensificar o padrão muscular em incrementos distintos, pausando entre as formas.
3. Desorganizar o padrão muscular pausando a cada mudança.
4. Dar uma borda de firmeza para criar um limite e conter o pulso.
5. Fazer com as formas distintas um contínuo de comportamentos para atividades pessoais e sociais.

Keleman em 1985 diz: “Quando alguém usa o esforço cortical muscular voluntário para fazer distinções na sua forma somática, esta pessoa reorganiza a estrutura fazendo mais camadas internas e mais conexões internas. Quando os padrões motéis ganham estabilidade e duração o organismo experimenta alguma coisa nova tomando forma dentro de si”.

Para Keleman, estar corporalmente presente é a tarefa mais urgente do soma. Diz ele, “sentimos uma urgência de transcender nossa forma herdada”.

Eu diria que nós encaramos todo o tempo problemas formativos e tentamos encontrar uma solução, isto é, organizar uma formatação do self que seja funcionalmente única, nossa. E isso requer esforço volitivo sobre o soma.

Ele pensa que nós devemos engajar a nós mesmos no dilema de aprender da parte herdada de nós mesmos. “O mix do não-aprendido com o aprendido compõem a forma pessoal. Através da volição o córtex aprende como influenciar a intensidade de uma excitação, uma urgência.” Ele afirma que “a fórmula para a presença corporal é forma, intensidade e duração. Formar é dar duração a respostas que nós produzimos ao acaso numa dada situação vivida”. Como acontece na evolução, eu diria. Keleman chama a isso de tomar sua vida ao próprio cargo. Nós devemos nos cultivar através do método formativo para voluntariamente poder alterar a forma emocional (relacional) do corpo.

Eu chamo a isso cultivar singularidades.

“O córtex influencia as respostas corporais. Através deste processo, cérebro e corpo formam um sujeito-objeto, uma relação eu e você. O cérebro e o corpo tecem um self pessoal a partir do corpo herdado, um corpo que não existia antes. As conseqüências disso são imensas, uma vez que tornam o corpo e seu comportamento uma entidade pessoal”.

Keleman usa o conhecido neurocientista Gerald Edelman e suas idéias de reentrada neural em que descreve este processo como aquele em que o cérebro mapeia as ações do corpo e então faz cotas neurais nesses mapas. Então os mapas conversam entre si e compartilham informação. Este é o modo que, para ele, o cérebro estabiliza ações musculares.

E Keleman, alargando suas próprias idéias, diz que “quando há um novo comportamento, um novo padrão de ação, o cérebro tem que fazer muitos novos mapas neurais. Assim, no método de corpar ele usa esse processo neural de reentrada inato para estabilizar novos comportamentos. A reentrada pode ser volitiva na medida em que tentamos repetir uma ação não-volitiva à medida que o processo ocorre a nível neural. A reentrada neural então estimula a organização neuromuscular e cria estrutura. Isso é a base da prática: atividade volitiva, através de micromovimentos, intensificando reentrada”. Deste modo podemos participar na formação de um self somático segundo Keleman. Isso é criação, isso é poder-potência, como diria Toni Negri com Spinoza, “potenza” conectiva.

Keleman descreve como se segue, editado a partir de notas que eu tenho de seus workshops:

“Quando nós observamos os padrões musculares de uma outra pessoa, nosso cérebro rapidamente organiza padrões motores neurais similares em nosso próprio corpo”. Ele considera essa especularidade como um saber somático direto das intenções da outra pessoa em relação à ação.

Eu acrescentaria que o corpo como um reflexo, contrai e expande instantaneamente face a qualquer objeto, situação, qualidade, qualquer coisa, como efeito da atenção, imitando-o para saber em si mesmo o que é aquilo. Isso é percepção e ao mesmo tempo uma espécie de fagocitação de formas. E, então, através da repetição dos padrões motores, essa resposta se torna nossa.

Esse modo de ver nos coloca na tessitura coletiva de redes de todo tipo.

Vou citar uma outra comunicação pessoal de Keleman:

“A habilidade cortical de alterar forma é possível através de funções de retardamento, de variação e de localização.” Isto é uma descoberta maravilhosa que dá toda a base e sua praticabilidade. “O *frame* é uma inibição de uma ação e uma diminuição dessa inibição e isso é performado pelo endurecimento e desendurecimento do corpo. O endurecimento organiza uma membrana neuromuscular que cria um dentro particular e um fora para o corpo. O *frame* é um campo de ação celular emocional e cognitivo. É um sitio somático, uma certa quantidade de memórias somáticas daquilo que aconteceu. Eles juntam excitação orgânica e então deixam inchar. A forma incuba e intensifica a excitação, alterando e estabilizando estrutura. Deste modo o córtex brinca com o corpo e forma uma presença corporal.”.

Diz ainda Keleman que “posturas e gestos são organizações anatômicas móteis que inibem ou facilitam intensidades excitatórias todo o tempo. A volição cortical transforma comportamento automático em comportamento aprendido e regulável. Os cinco passos podem favorecer diferenciações futuras através do uso de micromovimentos.”.

Os micromovimentos do corpo sobre si mesmo - e não o movimento – repetem o padrão e criam estabilidade através da organização de pequenos fotogramas. Eles são pequenos pacotes de contração que compartimentalizam excitação.

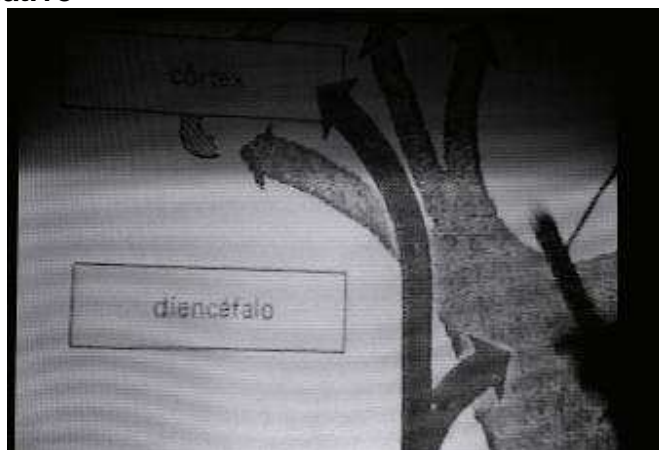
Keleman diz: “Eles não emudecem a excitação, mas a redistribuem. Eles tomam tempo em organizar fotogramas e juntar e dispersá-los no corpo e no córtex. O método de repetir pequenas contrações musculares dá duração ao *frame* e

distinção.”. Considero isso como uma artesanaria sobre o comportamento que nos permite fazer crescer sempre biodiversidade subjetiva e diferentes possibilidades de criar redes, sejam físicas, psíquicas, emocionais ou cognitivas.

Na prática ele instrui o aluno ou cliente para dizer a si mesmo como ele está corporalmente presente numa dada situação. Fazer uma coisa ou postura e contar a história. Exageram-se posturas e encontram-se o tema da ação. Dizer como se você estivesse dizendo para si mesmo como você agiu. Falar sobre estes movimentos enquanto você está formando a postura. Falar como seu corpo mudou, falar sobre aquilo pelo qual seu corpo passou para chegar a ficar presente.

(Edição de um conjunto de idéias de Keleman a partir de comunicações pessoais de Keleman, de seus livros, de muitos workshops, de muitas conversas por e-mail, muitos trabalhos pessoais, e papers não publicados de seus seminários, Regina Favre 2007).

Como conceitos formativos nos ajudam a entender o como da captura capitalística, nessa cultura global de imagens, e como lidar com isto através do método formativo



Através destes anos, assimilei profundamente, através de Keleman, que há um oceano protoplasmático formativo, uma multidão molecular canalizada por cérebro e corpo a partir dos quais indivíduos se formam a si mesmos fazendo membranas particulares temporárias de si mesmos, a partir de regras universais, biológicas, formativas.

Eu pensei imediatamente que esta visão de uma realidade oceânica poderia ser estendida à realidade contemporânea, que pode ser considerada, tal como se tornou visível hoje, como campo comum planetário de corpos e modos de moldá-los em suas conexões com outros corpos e processos sociais. Cada corpo é uma multidão sempre canalizando em relação a outros corpos. A idéia de singularidade estava aí.

Mas a visão de Keleman é tão similar e tão diferente ao mesmo tempo da concepção imanente. Sua concepção é ainda personológica, resultado das suas raízes heideggerianas e democráticas. Ele é filosoficamente e cientificamente pós-moderno, mas politicamente moderno.

O Reflexo do susto: entre o excessivo e aquilo que pode ser assimilado



O tempo, lento e natural, até não muito mais de 150 anos atrás, anterior à invenção das estradas de ferro, da fotografia e do cinema, antes da intensificação do comércio e da comunicação – que hoje são globais e em tempo real – costumava dar às pessoas o sentimento de estabilidade identitária.

Hoje, para angústia da maior parte das pessoas, nós não nos percebemos mais como um ego entre outros egos estáveis.

A biologia, também, com o aumento de possibilidades de observação, teorização e publicação, começou a permitir nos víssemos como realidades pré-individuais, altamente conectivas tanto molecularmente quanto sinapticamente.

A velocidade das mudanças sociais e comportamentais, experienciadas constantemente e aprendidas pelos meios de comunicação de massa, também criam em nós uma auto-imagem muito instável, de ser nada mais do que agregados de comportamentos socialmente produzidos.

A velocidade vertiginosa dessas mudanças sociais permeia tudo e desencadeia nos corpos coletivamente o reflexo do susto tal como descrito por Keleman no seu artigo “O Reflexo do Susto” em seu site www.centerpress.com que reproduzo aqui:

“O reflexo do susto é uma resposta organísmica para lidar com situações de emergência ou de ameaça ou de desafio de fora ou dentro da pessoa. Isso é um processo complexo que começa com respostas espontâneas simples a agressões e envolve uma predisposição em direção a formas mais complexas dependendo do tempo, da duração e da intensidade do desconhecido.

Esta resposta destina-se a ser temporária. Quando o perigo passa, o organismo volta ao normal. Entretanto esta mesma resposta pode se tornar um estado

habitual de tal modo que sua organização permanece à medida que nos movemos de um evento para o outro. Torna-se um padrão somático contínuo.

Muitas pessoas estão sempre num estado de tensão moderado contra perigos que elas não conseguem plenamente articular. A palavra *distress* descreve este estado contínuo e susto o estado temporário, diferenciando-os.

O reflexo do susto começa com uma posição investigativa, seguida por asserção, desagrado, raiva, irritação e, finalmente, submissão e colapso. Cada estágio dessa intensificação é baseado na capacidade do organismo de suspender a pulsação, criar segmentação e recrutar mais e mais camadas de si na sua resposta que envolve:

- mudança na musculatura e postura;
- mudança no diafragma;
- engrossamento ou afinamento da parede do corpo;
- aumento nas separações entre as bolsas;
- mudanças nas relações do corpo com a linha gravitacional;
- alteração de sentimentos, emoções e pensamentos.

A resposta do susto costuma ser progressiva e se mostra ao longo de um contínuo. Entretanto ela não é mecânica nem tem a sua continuidade de uma maneira invariável ou seqüencial. Cada pessoa tem um padrão único de susto, de *distress*, que é caracterizado pelo número, duração, tempo, fonte e severidade da ameaça colocada tanto física como emocionalmente ao organismo. Em algumas situações, a pessoa pode pular vários estágios e ir imediatamente para uma resposta extrema.

Esses padrões somáticos são processos de profunda autopercepção e um modo de sentir e conhecer o mundo. Eles afetam todos os tecidos, músculos, órgãos e células, bem como pensamentos e sentimentos. Eles são mais do que mecânicos, eles são uma forma de inteligência, um contínuo de auto-regulação.

Esses padrões são um fenômeno de camadas e tubos que afetam o organismo como um todo. Eles são intrínsecos e envolvem estados musculares da ponta dos pés ao alto da cabeça. Músculos e órgãos não estão apenas contraídos, eles estão organizados em uma configuração. Esta organização se torna o modo pelo qual reconhecemos o mundo bem como a nós mesmos e, por outro lado, se torna o modo pelo qual o mundo nos reconhece”

Keleman, 2007

Em direção a uma visão formativa radical: usando Keleman além de Keleman

As visões formativas de Keleman nos apresentam um modelo do soma como lugar, um lugar vivo, uma arquitetura evolutiva viva na biosfera e na sociedade, como ele ainda diz (como se a sociedade fosse uma realidade monolítica), com a possibilidade muito mais rica do que qualquer outro organismo vivo, de contínua autoconstrução com elementos moleculares aquilo que é trocado com os ambientes, sejam eles elementos, comportamentos ou imagens.

Do alerta ao terror, ele se espalha globalmente, de uma maneira nunca vista, como um vírus, através da rede de comunicação, sobretudo de imagens – sejam notícias ou modelos de comportamento que agora nos envolvem a todos.

Mas como aprendemos com Keleman, para estabilizar a experiência com o corpo, aquilo que foi vivido tem que ser passível de ser assimilado. Este é o modo como o soma humano gera seu futuro: com tecidos, formas, camadas e comportamentos de conexão com eventos presentes.

Cada camada do soma requer tempo formativo e ambientes confiáveis para formar a si mesmo no devir e operar sobre a criação de diferenciações que nos conectam funcionalmente com os ambientes da rede global, dos quais nós somos parte tanto localmente como de uma maneira geral.

Fast forms: o empobrecimento da biodiversidade subjetiva



As formas embriogénicas, as formas constitucionais, as formas do desenvolvimento, as formas de autoproteção, de ataque, de emoções, matrizes de gestos e ações. Tudo emerge da profundidade do oceano formativo e dispara no momento certo a partir da sabedoria ancestral do soma. Estas formas, entretanto, já emergem num mundo global, pós-moderno, capitalista, regulado pelo interjogo de poderes e valores que as capturam e canalizam para dentro de redes de sentido imediatamente, moldando-as e modelando-as.

Cada nova forma biológica que emerge a cada momento, na continuidade de cada corpo humano é imediatamente ameaçada por forças de exclusão e imediatamente encontra à sua disposição formas pré-fabricadas, testadas pela seleção do mercado, manipuladas por pesquisas de opinião e suportadas por tecnologias criadas pelas mentes mais brilhantes.

Essas formas todas estão em volta de nós, preenchendo todo o espaço na nossa percepção, se oferecendo para produzir em nós a ilusão de inclusão neste mundo. Elas são as **fast forms**, elementos para serem usados na construção de novos modos de existir, que nós somos forçados a agregar diante da desagregação súbita e contínua de modos de ser e de existir. Isso é produzido pelo efeito de fragmentação do reflexo do susto como uma resposta biológica à velocidade excessiva e à ameaça vertiginosa de exclusão gerada pelo capitalismo global.

Essas ameaças são intensificadas pelas imagens continuamente bombardeadas pela indústria de comunicação de massa. Imagens de inclusão, prestígio, segurança e felicidade lado a lado com imagens de exclusão, privação, violência,

perda de propriedade e existência social, para não mencionar perda da vida que constantemente nos aterroriza.

O tempo instantâneo do mundo global não nos dá tempo de formar vidas pessoais e nos catapulta em direção às soluções fáceis oferecidas pelas **fast forms**. Elas todas estão à venda. São objetos e serviços de todo tipo que, na verdade, são bordas subjetivas - modos de morar, vestir, relacionar, pensar, imaginar, amar, desejar, funcionar, produzir, gerar histórias de vida. Estes modelos de existência têm a característica de serem facilmente assimiláveis. Como **fast food**, eles são **fast form**. Elas, aparentemente nos poupam esforço, tempo e angústia de compor nossos próprios menus de ser e viver no mundo a partir da digestão necessária dos acontecimentos.

As **fast forms** vêm junto com uma operação poderosa de marketing que nos faz acreditar que consumi-las e nos identificar com elas é essencial para configurar nosso território que continuamente se desmancha na velocidade da informação e dos novos acontecimentos. Esse é, aparentemente, o único modo de pertencer à rede planetária e evitar o risco físico ou social de morte, dada à desconexão com os processos de continuidade da vida. Nós também somos bens e nossas vidas são diretamente traduzidas em valor econômico, quer queiramos ou não. E nós, nessa ficção, somos simultaneamente produtores, espectadores e consumidores.

O alto nível de atenção mobilizado pelas técnicas de comunicação alimenta o nosso potencial de identificação com as **fast forms**, as quais, por sua vez, alimentam o funcionamento dessa máquina modeladora de sentidos nos corpos, o que se tornou uma das principais forças do capitalismo contemporâneo.

Essas **fast forms**, entretanto, têm a característica confirmar a nossa falta de auto-referência e o nosso desamparo, nos tornando dependentes do seu consumo em busca de um alívio prometido em relação à constante angústia existencial.

A menos que nós possamos reverter a situação.

Chamando de volta e aplicando a matriz do pensamento formativo



Mas para produzir uma operação realmente individuante, precisamos primeiro aplicar o conceito de corpo kelemaniano e como o processo de produção de corpo

acontece, de tal modo que nós possamos contemplar através de que interjogo de forças biológicas e sociais um corpo modela o seu próprio processo formativo.

Há mais de dez anos, Keleman me escreveu uma nota pessoal que agora eu edito: “o processo vivo tem total investimento na continuação da corporificação mesmo. Por esta razão, ele está em constante diálogo consigo mesmo e este diálogo é sempre sobre o que fazer a respeito da sua situação imediata. O corpo fala através de sensações, sentimentos, motilidades. Entretanto, ele necessita falar de volta consigo mesmo de tal modo que ele possa influenciar o seu comportamento. Assim, o corpo tem o poder de influenciar a si mesmo, moldando a si mesmo em ações, inibindo a si mesmo ou agindo em relação a si mesmo. Ele faz isso através de um elegante sistema de feedback a que chamamos **cérebro**. O corpo organiza a si mesmo para falar consigo mesmo, secretando para si mesmo um órgão que é capaz de receber de volta seus padrões de ação e falar consigo mesmo a respeito deles. O que significa que há sempre uma relação do corpo com ele mesmo, mediada pelo cérebro.

Esta relação ocorre como o modo pelo qual o corpo regula seu próprio metabolismo, seus movimentos e motilidades, o modo pelo qual ele altera e regula as formas e suas expressões. Isso revela que o assunto principal do corpo não é apenas sobreviver, mas sobreviver através de uma relação consigo mesmo”.

(Keleman, 1996, e-mail pessoal)

Evidentemente, a vida e a evolução não nos deram esta herança maravilhosa porque nós somos especiais individualmente, mas porque esta herança nos permite fortalecer a força e a diversidade dessa mesma herança - em nós e no pool da vida. Entretanto, já sabemos que o capitalismo contemporâneo e a violência inerente ao seu funcionamento agem contra isso, tentando constantemente capturar este poder da vida e torná-lo consumidor de imagens, das **fast forms**, perversamente exercendo a ameaça de exclusão com sua dinâmica concentracionista, levando à eliminação das diferenças, conduzindo à homogeneização e conseqüentemente ao enfraquecimento do pool das subjetividades.

O método cartográfico e o método do corpar



Cartografar essas paisagens sociais mutantes, das quais nós somos parte tanto global quanto localmente, de acordo com os ensinamentos de Guattari, significa

descrevê-los em detalhe, acompanhar suas mutações e a velocidade dos fluxos que os cortam e reconhecer as genealogias do corpar, em cada ecologia – e as espécies de **fast forms** infectam esses ambientes, enfraquecendo sua potência formativa. E, então, descobrir possibilidades e estratégias de apropriação para trabalharmos sobre elas.

Aplicando o método dos 5 passos dentro da lógica formativa kelemaniana, o grande segredo da evolução escondido dentro de nós para proteger a vida contra o roubo do que nos permite continuar produzindo diversidade, se revela.

E com a ajuda desse método, identificamos as fast forms que nos capturaram (1º passo), reconhecemos sua anatomia, seus limites, suas forças e tendências (passo 2) para então intensificá-las e desintensificá-las em pequenos incrementos (passo 3). Deste modo emergirá da profundidade formativa do organismo um novo contorno subjetivo tratando a despotencialização formativa gerada pelo o reflexo do susto que deu lugar para que as fast forms nos parasitem.

Vemos então, como através dos mencionados micromovimentos das superfícies, seremos capazes de sermos surpreendidos por novas formas, mais conectivas e eficazes, fragmentos das fast forms, suas recombinações e mutações (passo 4) . Então, podemos estabilizar as diferenciações e testar sua funcionalidade em novas paisagens de sentidos e conexões (passo 5), repetindo-as,estabilizando-as, aprendendo.

Uma clínica ou educação que lida com a subjetividade somática hoje tem que ser compreendida como uma micropolítica. Micropolítica é um modo de sustentar territórios de criação. É a ação de pequenos grupos que resistem à aceleração e demandas da sociedade do espetáculo e, ao contrário, constituem a si mesmos em zonas de lentificação do tecido social. Eles são modos de influenciar o domínio social, não impondo formas alternativas de funcionamento, mas através da influência lenta e contínua de um modo formativo de operar e produzir realidade. Menos é mais.

A assimilação do modelo de Keleman



Desde o primeiro momento, fui cuidadosa para absorver o pensamento formativo de uma maneira ativa, não como um dogma ou um produto de rápida revenda. Depois de muitas experiências de configuração da transmissão, sucessos, fracassos e recomeços, refinei a idéia de Anatomia Emocional de Stanley Keleman e entendi que ela necessitava ser compreendida simultaneamente como uma filosofia, uma biologia, uma pedagogia, uma ética, uma clínica, uma estética, um possível aliado das micropolíticas de resistência contra a captura da indústria dos comportamentos. Esta compreensão multidimensional me levou a conceber um método de transmissão transversal e multidimensional também.

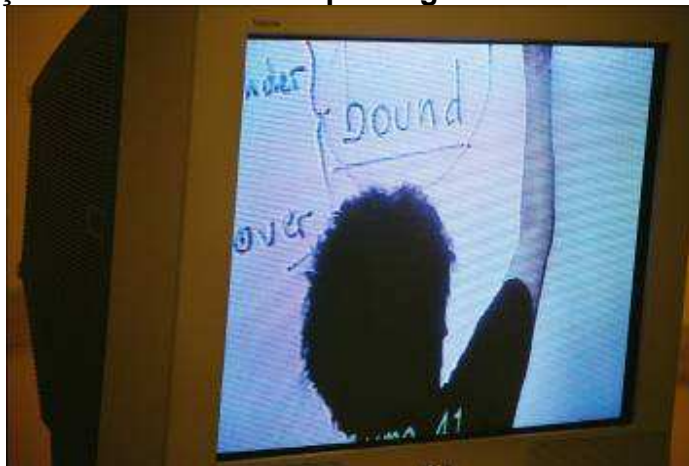
Desde o início da minha prática clínica como terapeuta corporal em meados dos anos 70, senti que a linguagem escrita dos livros e artigos não era suficiente para refletir e transmitir a noção de corpo como forma, ação, emoção, sentimento, inteligência e ligação. Há uma oralidade e uma performatividade que é inerente ao corpo. Assim, logo que as primeiras grandes câmeras de vídeo apareceram, as grandes Panasonics, eu decidi comprar uma e comecei a fazer experimentos de gravação.

Levei anos para sair do formato documentário e chegar à forma interativa e inclusiva do uso da câmera em situação de grupo.

Como participante do ambiente de Keleman de gravação e edição, e tendo sido algumas vezes escolhida como a estrela dos seus vídeos, isso foi fundamental para essa lenta mudança.

Mais eu compreendia a ação capitalística de captura através das imagens, mais se tornou claro para mim que este trabalho educacional e clínico que centraliza sua ação na forma dos corpos também deveria elaborar modos que são, de fato, micropolíticas para trabalhar com imagens, fragmentando-as, multiplicando-as, criando novas possibilidades combinatórias de interagir com elas e incorporá-las. Apenas promovendo esta espécie de prática coletiva de apropriação e dessacralização da imagem, poderíamos enfrentar o poder pós-pessoal das **fast forms**.

A plena dedicação à transmissão do paradigma da Anatomia Emocional



Desde 2002, a Anatomia Emocional se tornou o centro do meu ensino e pesquisa. Isso aconteceu ao mesmo tempo em que eu mudei o meu trabalho de clínica e ensino para um novo espaço, sem parceiros nem colegas. Comigo, só pesquisadores, colaboradores e estudantes.

Esta transmissão desenvolvida por mim mesma e, presentemente, por colaboradores, configura-se hoje como uma leitura viva que acontece semanalmente em diferentes grupos por quatro ou cinco semestres.

Como professora, ajo como leitora, comentadora, intérprete, diretora, escaladora lenta das linhas do livro com o grupo, numa atmosfera de ensaio permanente.

Os grupos são compostos de pessoas que já têm sua própria experiência, nas suas vidas e profissões. Terapeutas corporais de diferentes tradições, médicos, psicólogos, bailarinos, fisioterapeutas, atores, artistas, assistentes sociais, consultores, jornalistas, professores.

A transmissão formativa constitui a si mesma em um evento. É uma experiência corporificada numa produção de camadas de corpos e vínculos fortemente tecidas, conhecimento formativo, somático e conceitual, linhas narrativas, gravações permanentes em vídeo, assistir vídeo o tempo todo, exercícios lingüísticos da linguagem formativa, posturação de si mesmo, experiência dos 5 passos, desenhos de somagramas, cartografias dos conceitos e situações vivas, conversações sobre história social, política, biologia, modos de subjetivação, histórias e descrições de pessoas funcionando em suas vidas e mundos.

Maurizio Lazzarato, em 2005, num artigo que se chama “Ver e Ser Visto: uma micropolítica da imagem”, disponível no www.16beavergroup.org:

“A construção de um dispositivo não é simplesmente uma pré-condição tecnológica do projeto. Novos métodos de produção da imagem requerem que nós vejamos novos aspectos da realidade visível e novos aspectos da realidade visível não podem ser percebidos e entrar no nosso horizonte de sentidos se não há novos meios de estabelecê-los. Essas duas coisas estão estritamente interligadas. Na nossa sociedade, os dispositivos tecnológicos são concebidos e comercializados como meios de comunicação. A plataforma Timescapes

(experimento descrito no artigo) não foi concebida e fabricada como um simples instrumento para transmissão de informação, imagem e som entre a situação A e a situação B. As relações sociais, estéticas e políticas entre diferentes situações ou indivíduos não são dadas previamente por referências fixas e imutáveis, mas estão em formação, num contínuo processo de mudança e devir. As relações não são transmitidas, mas são construídas e criadas no e através do dispositivo tecnológico.”

O ambiente da transmissão da Anatomia Emocional, especialmente construído para esta finalidade, é como uma pequena máquina. Ela é feita da conexão de elementos heterogêneos: o livro de AE, o aparelho de TV onde as gravações da aula anterior estão sempre rodando como camadas de memória, controle remoto para tornar disponível a qualquer momento still, slow backwards, quadro a quadro, a gravação de novas imagens dentro de imagens, um câmera profissional sempre lá como parte do grupo, um telão, um retroprojetor que com sua luz cria ambientes expressionistas, uma projeção ampliada das transparências de imagens da Anatomia Emocional, de biologia molecular, de neurociência, nos dando uma imagem da nossa pequenez dentro deste imenso processo, a corporificação delas, um imenso quadro branco para cartografias, cadeiras dobráveis, um chão claro e paredes claras onde toda ação se torna visível, uma grande janela que reflete dentro da sala e fora da sala, fotogramas do mundo de fora do qual nós somos parte, aparecendo continuamente nas gravações. O espaço onde as pessoas se exercitam na corporificação das leituras, das conversações, na imitação das próprias formas e dos outros em diferentes estados, nas diferentes formas de conexão enquanto fazemos coisas simples e a parede muitas vezes coberta com fotos do grupo, momentos e ações. Fazer, gravar, olhar, parar, recortar, gravar novos experimentos sobre uma imagem, uma seqüência de imagens, uma expressão, fazendo crescer novas linhas de fazer, gravar, falar, uma mão, um comportamento, uma atmosfera, um episódio, uma intervenção formativa feita por mim e infinitamente assim por diante.

Mais e mais eu me dou conta de que este agenciamento reproduz e ao mesmo tempo desconstrói o oceano de imagens no qual nós estamos mergulhados enquanto ao mesmo tempo oferece a cada um os instrumentos para corporificar, corpar, uma palavra do vocabulário kelemaniano, a si mesmo em tempo real e com constante feedback e produção de camadas.
Estou feliz com esta funcionalidade e beleza.

Cada grupo tem o seu repórter, sempre um estudante mais velho, que está num diferente papel para fazer o resumo de cada aula, elaborando fichas que acompanham os arquivos de vídeo de cada grupo. Cada grupo chega a produzir perto de 250 horas de gravação ao longo do trabalho que tem o livro Anatomia Emocional como fio condutor.

Os membros do grupo têm acesso a seus próprios registros para estudar e incluir esta influência em suas próprias práticas específicas, multiplicando efeitos imediatos e tendo a oportunidade de se tornarem pesquisadores do material, dos conceitos, das imagens.

Construindo uma metáfora agrícola de que Keleman tanto gosta, este é um ambiente diferente onde variedades de sementes kelemanianas são selecionadas e hibridadas e cultivadas. Respondendo a condições diferentes e a problemas formativos diferentes.